

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

O POVO SOBERANO

O povo agora é soberano; assim o dizem os jornais e os homens do partido dominante. A sua vontade é a lei suprema da nação. Ninguém a pode contrariar, porque não há na nação outro poder mais alto.

O povo agora está emancipado, é senhor de si, pode dispor dos seus destinos como muito bem entender. Isto é o que por aí dizem em todos os tons os apóstolos da chamada democracia. Todavia é necessário que o povo tenha muito cuidado com o exercício da sua soberania, se não quiser ser acutilado pela polícia ou enclausurado numa prisão.

A sua soberania é semelhante à rialza daqueles reis que a república romana submeteu ao seu domínio, conservando-lhes contudo as insígnias e o faustos reais, mas que, quando eles não se sujeitavam às ordens do senado, às determinações dos cônsules ou dos ditadores, os reduzia à mais vil escravidão e serviam para engrandecer o triunfo dos conquistadores.

Também agora o povo é soberano enquanto tiver a sua vontade unificada com a dos chefes republicanos, os seguir e os aplaudir. Se der palmas e fizer ovações ao sr. Afonso Costa, o primeiro cônsul da república portuguesa, e obterem as indicações do seu órgão na imprensa, prestando-se a executar as suas vinganças e represálias, a sua soberania será exaltada até às nuvens. Se assaltar as redacções dos jornais conservadores ou monárquicos; se incendiar e destruir as casas das associações e círculos católicos; se apupar, cuspir e espancar os prêsoes políticos, tudo lhe correrá bem. Os periódicos chamados democráticos louvá-lo hão com todo o entusiasmo; dirão que o povo faz justiça pelas suas mãos e que não se pode contrariar a sua vontade soberana. Mas se o povo, por um movimento espontâneo da sua alma crente, quiser fazer uma manifestação religiosa, uma procissão por exemplo, ou defender os seus párocos de alguma perseguição injusta, então aí o caso muda de figura; de nada vale a sua soberania, se não acatar as ordens do maçonismo triunfante.

Por maiores que sejam os seus excessos contra os talassas, monárquicos ou católicos, ninguém lhe pedirá contas dêles, nem a autoridade se dará ao incômodo de averiguar quem foram os cabecilhas. Mas, se fizer algum protesto ou manifestação que desagrade aos automedontes da democracia, pode contar que o há de pagar caro.

Em dois anos de república temos os exemplos aos centos. Ainda há pouco em Torres Vedras foram condenadas a várias penas uns indivíduos que eram acusados de ter feito sair uma procissão religiosa.

Foi no dia 24 de Junho passado na freguesia de Runa. Era costume fazer-se uma procissão no dia de S. João. Este ano estava tudo preparado para se fazer. O regedor tinha dado licença. Mas, pelas três horas da tarde, o administrador, *receando* alteração da ordem, fêz saber ao regedor que não consentia que a procissão saísse. O regedor meteu-se em casa e não se importou com a procissão, posto que dissesse a alguém que ela estava proibida pelo administrador. No entanto a procissão saiu e correu na melhor ordem. Pois bem: regedor, pároco e mais alguns indivíduos sofreram há dias o castigo do grande crime que cometeram, um por não proibir, os outros por influir que a procissão se fizesse.

Ora aqui está a soberania do povo. Todos ou,

pelo menos, a grande maioria queriam que se fizesse a procissão; mas, porque o administrador, por um receio infundado ou por sugestão maçónica a proibiu, de nada serviu a vontade do povo. Os que foram tidos como mais responsáveis por ela ter saído, foram punidos. E isto tem-se dado em muitas partes: ou as procissões se não fazem por causa dos receios ou caprichos da autoridade ou, quando se fazem, os que forem considerados como promotores é que pagam a ousadia.

No ano passado em Castelo Branco dezoito pessoas foram prêsas e conduzidas para Lisboa por serem tidas como causadoras de se fazer uma procissão em honra de S. Sebastião.

Na quaresma passada todos sabem o que sucedeu na Chamusca com a procissão do Senhor da Misericórdia.

Por estes factos se vê, que a soberania do povo, quando não se limita a dar vivas aos chefes republicanos e a perseguir os talassas, é uma indecente ficção que só serve para iludir os tolos.

Antes de concluir, porém, quero acentuar duas circunstâncias dignas de nota acêrca das manifestações católicas.

Quando a autoridade pretende chamar à responsabilidade aqueles que as fizeram, encontra sempre cabecilhas, os autores ou instigadores delas. Mas até hoje ainda ela não pôde descobrir quem seriam os principais responsáveis dos assaltos às redacções dos jornais monárquicos e às casas das associações e círculos católicos, e das apupadas aos prêsoes políticos. Aqui há um mistério que os jornais democráticos podiam muito bem decifrar.

Outra circunstância é que as autoridades teem sempre receio de que com as manifestações católicas haja alteração da ordem pública e não o teem com respeito às festas liberais. E com efeito nestas festas há muito tempo que não tem havido desordens ou motins.

A grande manifestação anticlerical de 14 de Janeiro passado correu sem incidente, as idas e venidas do sr. Afonso Costa não teem sido perturbadas, os festejos do aniversário da república não tiveram notas discordantes.

Qual será a razão por que os ajuntamentos liberais nunca são perturbados?

A razão é fácil de adivinhar. E' que entre os conservadores não há agentes profissionais ou assalariados para lançar a desordem no meio dos seus adversários, e também porque, se houvesse êsses agentes, não seriam bem sucedidos como os que se metem a perturbar as manifestações católicas.

P. A.

Não mais conspiradores

Não mais prisões

São estas as palavras proferidas por um homem que não pode ser apodado de inimigo da República, porque por ela se bateu, o sr. Américo de Oliveira, o autêntico revolucionário civil de 5 de Outubro.

Exultamos de alegria ao ver que não somos só nós que dizemos que se devem fechar os tribunais marciais, mas acompanham-nos neste brado de justiça os homens que ajudaram com a sua energia, com a sua coragem e com o seu sangue a implantar o regimen que actualmente nos rege e que

êles próprios dizem não satisfazer, tal como está sendo administrado e interpretado, às condições de liberdade, de progresso e de legalidade que sonharam e para que fizeram tantos e tam grandes sacrificios.

Ouçamos o que o sr. Américo de Oliveira disse às «Novidades» que o entrevistaram acêrca duma reunião que tiveram os revolucionários civis de Lisboa, em que se pedia a extinção do juizo de investigação criminal, ou, pelo menos, uma sindicância aos actos do respectivo juiz.

Diz aquele sr.:

«Sabendo eu que havia umas certas dificuldades na obtenção de dinheiro, procurei alguns dos elementos capitalistas para conhecer os motivos de tal facto. Por êles me foi dito que enquanto não se fizerem eleições e enquanto se continuar a prender conspiradores e a encher as prisões de gente, não haverá maneira de se obter dinheiro.

Ora foi nestas condições que eu fiz que se convocasse uma reunião de revolucionários civis em que expuz o que há e o que urge fazer, encontrando-os, felizmente, concordes com as minhas ideias.

—E o que há então a fazer?

—Convocar um grande comício para o qual serão convidadas todas as associações e forças do país. Chamar à vida nacional entidades do partido republicano, que se tem conservado afastados dela, como por exemplo Basílio Teles, Magalhães Lima, etc. Pedir a imediata aprovação do Código administrativo e da lei eleitoral e em seguida a dissolução voluntária do parlamento para que logo a seguir se façam eleições e se entregue o governo a quem tiver elementos para governar. Pedir ao actual governo que se conserve no poder até que se façam eleições. Pedir que os julgamentos dos conspiradores se façam rápidos e sumários e que se não estalem a procurar todos os dias mais conspiradores porque isso só redundará em prejuizo da República. Não mais conspiradores. Não mais prisões.»

Não são sómente os talassas e os reaccionários a dizem que isto vai mal.

Dizem-no também homens de incontestável valor republicano, e dizem-no em côro os revolucionários civis da capital pela boca do sr. Américo de Oliveira.

Este sr. disse tudo.

Não se pode dizer mais em tam poucas palavras.

Há dificuldades na obtenção de dinheiro e elas se devem ao facto de se não fazerem eleições e de se encherem as prisões de gente.

Logo a república não tem as simpatias que os seus aduladores falsos apregoam para poderem cevar o seu ódio na fúria das perseguições.

E o resultado vê-se.

Procura-se o dinheiro e êste retrai-se porque está ao lado dos perseguidos e dos prêsos, de forma que para a república se tornar simpática, para que a república se não comprometa, para que ela possa arranjar o dinheiro de que precisa, é necessário apressarem-se os julgamentos, não procurar mais conspiradores, acabarem as prisões, fazer eleições, integrar o povo por meio da urna na marcha dos negócios públicos.

Isto o reconheceram êsses revolucionários.

Era por aqui que devia ter-

-se começado mas já que se não fez, remedeie-se pelo menos o mal enveredando agora por caminho direito.

Que os desejos dos revolucionários lisboetas sejam coroados do melhor êxito são os nossos mais ardentes votos porque só assim se pacificarão os espíritos e se porão as coisas nos seus respectivos lugares.

É TARDE...

A' mana «Alvorada», toda sécia por contar mais três outónos de rósea e magnífica existência, com o que muito folgamos, deu-lhe a alegria de vir a público de *sombrinha em riste* para espantar, derrubar e até (que horror!) assassinar todos os «Morcégos», pequenos e grandes, alados ou desalados que gostam do azêitinho da terra, da candeia da graxa, das viagens em estafetas, traquitanas, cadeirinhas, etc. etc. e, se desgostam dos *trambolhões* dos aerostatos, aeronatos e enfim de toda essa *passarada*, filha do progresso e da suprema ousadia do homem.

Ela, bem sabe, a maliciosa, que êsses ortópteros, helicópteros e aeroplanos, ou porque se sustentem de telhas bem acima, por meio de asas batedentes, ou se elevem pela rotação de hélices, ou se formem por planos sobrepostos, ligados entre si—são mais ou menos dignos de respeito!...

Creemos que a *outoniça Pequerrucha*, não acredita que haja no mundo *vimaranense*, quem se alegre com os desastres de alguêm que viva mesmo imitando de alguma forma os gaviões e peneireiros. Mas, a mana Alvoradinha fazia beicinho, amuaria uma semana inteira senão desatasse os cordelinhos à sua vontade de rabiscar umas *Notas e factos!* E mandou notas e contou factos aos lendários oitocentos (???) pensionistas!

800 notas e 800 factos!
 ¡Foi um alagar o mundo com trabalho!

¡Pobre e amortecida *Pequerrucha!* Tam curvadinha sobre a banca, com os dedinhos encarapuçados em tinta que da velha pena subia presurosa e negra!—que sincera tristeza eu sinto ao ver a tua aflita alma de não menos aflita escritora, folheando, estragando e lamentando o *vestustio prosódico*, aliado à nova Guia ortográfica do G. Vianna!

E, numa caligrafia *bastarda* a «Linda flôr de outubro» escreveu:

E tarde... «Os 800 padres pensionistas afirmaram, argumentando, que não há diferença entre a pensão e a cõgrua que os prelados, cônegos e párocos recebiam antes da lei. Mais dizem os pensionistas que estão no mesmo pé de igualdade com os frades que em 1834 foram expulsos dos conventos pela monarquia constitucional, depois de se haver aposado de todos os seus bens», es-

tipulando-lhes então o Estado uma pensão, que êles receberam «sem que por isso a Santa Sé e os bispos adoptassem medidas canónicas contra êles.»

«Mas reparem os padres pensionistas que os seus colegas estão hoje, na sua maioria, arrependidos de seguirem as ordens dos bispos.»

E numa satisfação genuinamente infantil:

«¡Podessem êles voltar atrás arrosamente!»

E' tarde...

E' tarde um pouco é, minha *feição*, para o *papázinho* a ensinar a escrever de forma que não lucre em castigo ter de passear em *estafetas, cadeirinhas* ou *gericas manhosas*; e, de volta a casa—limpar os tais lampiões de azeite e candeias de graxa e apanhar sustos a cada momento com a visão dos tais *Morcégos* que *exploram* o acidente do tal *aeroplano!*

Ora queira pôr os óculos grandes do *titi* e ler na «Voz da Verdade», n.º 43 de 24 do corrente mês—o seguinte comunicado:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Arcebispo Primás.

Já duas vezes declarei na «Voz da Verdade» que não aceitava a pensão que me foi concedida; hoje venho respeitosamente declarar a V. Ex.^a Rev.^{ma} que nunca recebi a mais insignificante quota de tal pensão, e a ela renuncio completamente para todos os efeitos.

Sou católico, apostólico, romano; obedeço inteiramente ao Papa e a V. Ex.^a como meu Prelado e a todos os meus superiores hierárquicos.

Deus guarde a V. Ex.^a

Freguesia de S. Julião da Lage, concelho de Vila Verde, 11 de Outubro de 1912.

O Abade Gaspar Vitor de Sousa e Castro.»

Então, *sinházinha*, os padres estão arrependidos de seguir as ordens dos seus bispos?!

Vá! então? Não faça beicinho!

E, como esta declaração há milhares, sim cidadãzinha!

Agora, e para terminar, repare nesta beleza:—

O *Gaia* «Este fêmea(?) de gaio, barbeiro na Abação, figura na lista dos enviados ao Tribunal Marcial como implicado no plano da conspirata tramada cá para o sitio, como já figura botara nos acontecimentos de trêse de Agosto—lembram-se?»

Alguêm dirá que esta reincidência é força de convicção.

¡Nós diremos antes que é muita força de perversão para o crime, e que está mesmo a pedir *colônia penal!*»

Uma *cachópa* a desejar a um infeliz: *colônia penal!*...

A *menina* escreveu isto?

—Sim!...

E vem toda sécia por contar mais três outónos de rósea e magnífica existência, declarar em *artigo de fundo* que tem: O amor por princípio, o progresso por fim?!

SantAntóninho te valha,
 E mais ao *Gaia*,
 Minha *Papagaia!*

25 | X | 1912.

Nivardo.

O REPÚBLICA

A impagável gazeta bicolor cá da terra não perde ensejo de dar a sua *piadinha* sem chiste nem graça nenhuma.

Agora encafifou por que dissemos que o aeroplano *República*, oferecido pelo Directório ao Governo, tomou o seu primeiro banho forçado.

Pois é tal qual.

Tomou o seu primeiro banho forçado e com tanta infelicidade que apanhou uma forte constipação, tendo sido infrutíferos todos os cuidados da terapêutica aérea para o tornar a pôr a voar.

Bem sabemos que o caso não é para rir porque um fiasco em tam pouco tempo é para fazer desesperar os oferentes, mas se não é para rir é, pelo menos, para meditar na grande utilidade que a flotilha aérea vem trazer ao nosso país tam desprovido de meios de defesa e segurança.

Imagine-se que, durante uma guerra em que um acaso tivesse o capricho de envolver-nos, constipavam os aeroplanos todos.

Eles que teem um organismo tam melindroso e nós sem um só couraçado que tenha geito.

Com tais meios de defesa não é... andar para trás, mas com o que aconteceu ao *República* é... andar parado.

Insidia e má fé

¡A *Alvorada*, que anda sempre a falar nestas e outras coisas, parecendo possuir moralidade para dar e vender, será capaz de nos responder ás seguintes perguntas?

¡Quem foi que, após o 13 de Agosto de 1911, escreveu uma carta ao então administrador dêste concelho, sr. Alferes Teodorico Ferreira dos Santos, em que lhe era aconselhada a prisão de certo individuo de destaque no nosso meio social, por ser monárquico e frequentar a casa do Vieira de Castro também tido como monárquico e então prêso por suposto implicado nos acontecimentos referidos, suspeição que se não provou sendo posto em liberdade?

¡Não houve insidia e má fé nessa denúncia infamemente falsa? Muito desejaríamos ver as respostas.

29 de Setembro

Os leitores lembram-se daquela sarrafusca que houve no Pôrto em 29 de Setembro do ano passado, em que dizem uns ter havido um levantamento monárquico e outros que isso foi urdido pela policia do Pôrto para se vingar de certos individuos que trazia de olho, ou ela ou pessoas que lhe eram affectas.

Pois, depois de um ano e pico decorrido, procedeu-se ao julgamento que acabou ante-ontem e de 25 réus presentes apenas 2 foram condenados em 24 e 18 meses de prisão, estes talvez porque não tivessem facilidade em justificarem-se, porque às vezes as coincidências são irrevogavelmente fatais.

Sempre os desastrosos efeitos das tais covardes perseguições e das vinganças mesquinhas.

Educação

Carta a uma senhora

Ex.^{ma} Sr.^a da minha muita consideração.

Com o enlevo que me tem causado quando a vejo passar nas ruas da cidade pelo braço do seu filho estremeado, o nosso bondoso Jaime, essa pérola dos rapazes dagora que em nada se pa-

IDÍLIO

IV

Ela se vai de peito convulsivo,
 Recordando essas horas tam fagueiras
 Em que ela o via, de rosto pensativo,
 Olhando-a como quem olha roseiras!

Êle também, mais morto do que vivo,
 Pensa alcançar as rodas traiçoeiras
 Que lhe levam, por mando rude e altivo,
 O seu Amor, sua Vida, suas canseiras.

Vê-a entrar na casa paternal,
 Ouve o rugir do pai como um chacal
 E fica turvo, trémulo, febril!

Fitando sempre a sua casta Estrela
 Viu que se aproximava da janela...
 Só pôde recordar-lhe o mês de Abril!

Romeu.

rece com essa rapaziada brincalhona e alvar que a espaços nos provoca com as suas indecências e com as suas farçolas desprovidas da graça que julga ter, sinto-me, minha senhora, como que extasiado e transportado à minha já longínqua mocidade em que minha santa mãe, que Deus tem, me ensinou a ser obediente para com os meus superiores, respeitoso para com as pessoas mais velhas, delicado para com os meus iguais, indulgente para com os meus inimigos, lial aos meus amigos e humano para com os meus inferiores.

Os primores da fina educação que se nota no joven seu filho recordam-me o professor que tive, que Deus também levou e pelo qual sinto a mais profunda saudade (o bom António Luís, que dolorosa recordação!), que era um segundo pai dos seus alunos a quem corrigia as faltas e ensinava desde pequeninos, a par das primeiras letras, o verdadeiro caminho da honra e do dever pelo qual deviam conduzir-se quando, já homens, entrassem nesta luta inglória da vida.

¡Que belos tempos, minha senhora!

¡Que ditosos tempos êsses em que na escola se ministrava a instrução da alma ao mesmo tempo que a instrução do corpo, se avivavam grandes consciências para Deus e conjuntamente se cultivavam altas capacidades para as sciências, para as artes e para as indústrias!

Era então nêsses felizes tempos o dilema das nossas escolas—Deus e Trabalho—e debaixo desse símbolo augusto e sagrado se formaram os austeros caracteres de ilustres contemporâneos nossos como Martins Sarmiento, Freitas Costa, Bento Cardoso, Avelino Guimarães, Avelino Germano, P.^a Caldas e tantos outros que deram subida honra à sua terra com as suas brilhantes qualidades de homens de bem e de talento.

¡Que belos tempos, minha senhora!

¡Que amena suavidade havia na escola, tanto no ritmo cadenciado da palmatória, corrigindo uma falta que não mais se comedia com receio de novo castigo, na entoação da *taboada*, como na recitação da doutrina aos sábados de tarde!

Hoje nada disso há.

O ensino entregue, em uma grande parte das populações, a professores inexperientes, deixa muitíssimo a desejar no que toca à educação dos rapazes que os pais teem de confiar a êsses professores.

Hoje não se formam, como outrora, caracteres; avolumam-se conhecimentos na mente de um individuo sem que, desde pe-

quenino, se lhe ensine a utilidade dêsses conhecimentos para o seu bem próprio e para o bem comum da sociedade em que mais tarde teem de entrar.

Hoje os professores não são, como outrora, na sua maior parte, uns segundos pais de nossos filhos, primando em ministrar-lhes uma educação primorosa moral e intelectual, substituindo-nos assim em um dever sagrado que muitas vezes não podemos cumprir devido aos nossos muitos afazeres ou ao nosso excessivo amor por aqueles a quem demos o ser.

Hoje o professor não é aquele individuo que seguia de perto a máxima do Divino Mestre—Deixai vir a mim as criancinhas—e a quem estas adoravam como um semi-Deus, correndo de onde quer que se encontravam e o avistavam a beijar-lhe a mão numa submissão surpreendente, numa candura edificante, num encantador e jovial—*se bença se bessor.*

Hoje não. Hoje o professor em uma grande parte é o carrasco dos espíritos tímidos dos inocentes, é o prevertedor das consciências em formação, por que inexperientes uns, irreflectidos outros, jacobinos muitos, libertários bastantes, gananciosos uma parte, fanáticos políticos grande número, esquecem-se das mais sagradas funções do seu alto ministério para fazerem dessas crianças inconscientes adeptos das suas doutrinas deletérias.

Isso se tem observado em larga escala por êsse país fora.

E' porisso, minha senhora, que eu, quando a vejo passar toda satisfeita pelo braço do seu querido filho, o bondoso Jaime, me lembro dessa sublime educação antiga em que se educavam os homens para a Fé e para o trabalho e digo-o não sem que os olhos se me borbulhem de lágrimas.

Benditas as mães que, como esta, educam os filhos como minha mãe me educou a mim.

E choro, minha senhora!

Choro porque vejo êsses tentos rapazes de hoje proferirem as maiores obscenidades, vejo-os já com edades muito regulares a vadiarem pelas ruas e sem a menor vontade pelo trabalho honrado, mercê de uma educação livre, educação sem Deus, sem fé, cantando no entanto *hosanas* aos falsos ídolos do Progresso e desta quimérica época de regeneração social, regeneração de vícios e de defeitos.

E' a extirpação dum bem que se julga um mal para introduzir em seu lugar a perdição completa.

Que desolação, minha senhora! Beijo-lhe as mãos com todo o respeito e cordealmente abraço o seu querido Jaime.

Firmo.

REALIDADES

(Diabo negro substituído)

A pedido de Diabo negro, que partiu a fazer uma estação de banhos para a formosa e pitoresca serra da Penha, fiquei encarregado desta secção da qual vou desempenhar-me consoante puder e souber. A principiar.

Quando li o título bombástico com que a *Alvorada* local encimou a entrevista que lhe foi concedida pelo sr. Tenente Valdez, julguei que fámos ter naquelas colunas uma porção de novidades conspiratórias com a descrição detalhada do trama, visto que um dos subtítulos dizia que ali se faziam *revelações de importância*, o que é o mesmo que dizer que todos fámos ficar para aí abanandados com o efeito dessas *importantes revelações*.

Vai porém a conferência quasi no fim, pois já se anuncia a sua conclusão para o próximo número, e até hoje ainda não apareceu uma única coisa que nos espante quanto ao decantado *complot* monárquico de Guimarães e pelo caminho que a conferência já leva, parece-nos que nada virá digno de nota.

Não se me daria de reconhecer aqui o erro em que este jornal tivesse porventura laborado, deixando de acreditar na existência de um *complot* monárquico com armas, bagagens, metralha e tudo, se bem que tal a mim me não competisse; mas fá-lo ia de bom grado em homenagem à verdade que acima de tudo preso.

Não me é dado ter esse gosto por que as tais revelações de importância, que se anunciavam com letras muito gordas para chamar a atenção, ainda não vieram quanto ao *complot* nem me parece que venham.

Por enquanto o que sobre o *complot* se disse na entrevista não passa de uma opinião meramente pessoal, colhida com tais ou quais elementos que não são revelados e que, portanto, não se podem devidamente apreciar, e este jornal, o único que tem deixado de acreditar no *complot* — **sem que tenha o menor interesse em fazer acreditar que ele não existiu, note-se bem** — tinha o direito de saber em que se baseia tal opinião, já que para combater a sua ideia é que ela foi solicitada para, à face dessas bases, emendar a mão se tivesse de a emendar ou combatê-las se fossem inacreditáveis como o é, positivamente, aquela que faz do Vieira de Castro o chefe de tal *complot* e principal agente e correspondente dos Padres Júlio e Domingos.

A única coisa que sobressai de toda a entrevista já publicada é que um dos presos foi para Braga acompanhado de documentos importantemente comprometedores.

Esse preso é, evidentemente, o Vieira de Castro e se rialmente é, como eu imagino, não posso reconhecer-lhe a importância que lhe querem dar, nem o valor jurídico que pretende imprimir-se-lhe.

Vieira de Castro, não sabemos por que motivo, era a alma danada dos republicanos avançados cá da terra.

Já por causa dos acontecimentos de 13 de agosto do ano passado, a que chamaram também capciosamente *uma tentativa de restauração monárquica*, como se fôsse possível meia dúzia de caceteiros isolados em uma cidade distante restaurarem sózinhos um regimen depondo outro, Vieira de Castro foi preso como implicado nesses acontecimentos, sendo posto em liberdade porque o M.^{mo} Juiz syndicante reconheceu a sua inculpabilidade.

Desde então Vieira de Castro era constantemente vigiado de perto pelos republicanos façanhudos e essa vigilância redobrou quando

se principiou a falar com mais insistência em uma próxima incursão monárquica, a ponto de em algumas noites esses republicanos lhe fazerem verdadeiros cercos à casa, um dos quais, não sei se antes se depois da incursão, foi presenciado por alguém que neste jornal trabalha.

Ora não seria isto um aviso suficiente para que Vieira de Castro, se fôsse um conspirador, tratasse de pôr as suas coisas em ordem?

Evidentemente.

O facto de se ter dito que Vieira de Castro é essencialmente estúpido não exclui esta hipótese que tem a seu favor o natural instinto de salvação e o indiscutível desejo de impunidade.

Da entrevista só dois factos se salientam, e são:

Que Vieira de Castro era o Chefe do *complot*.

Não o podia ser por principio nenhum.

Que ao mesmo foram encontrados documentos comprometedores.

Não acredito enquanto não vir, pela razão que fica exposta e por mais esta.

No decorrer da investigação (isto me informaram citando nomes) appareceu uma testemunha a depor acerca de Vieira de Castro e, entre outras coisas com que pretendia demonstrar que não frequentava a casa d'ele disse, pouco mais ou menos o seguinte:

— Eu não ia por casa do Vieira de Castro e até tinha medo de lá ir porque já o sr. Fulano me tinha dito que a casa d'ele era uma *casa suspeita*.

Esta «*casa suspeita*» produziu grande impressão na investigação que julgou, decerto, ver ali o fio de uma grande meada que daria os melhores resultados, quando afinal tais palavras tem uma explicação, a mais plausível e concludente, que é, a meu ver, a seguinte:

A casa de Vieira de Castro era, como dito fica, constantemente vigiada de noite e os individuos que exerciam essa vigilância não se escondiam para o fazer.

Desta forma, embora Vieira não tivesse a menor interferência no trama conspiratório, embora ele nada tivesse com os cabecilhas P.^o Domingos e P.^o Júlio, embora ele estivesse isento de toda a culpabilidade, a casa d'ele tornava-se suspeita aos republicanos que só por suspeitarem do seu mordador a vigiavam, e nada há mais natural que por este motivo, e só por este motivo, o citado Fulano dissesse ao outro que a casa de Vieira de Castro era uma *casa suspeita*.

Poderá inferir-se d'este dito que um individuo seja culpado?

Evidentemente não.

Como este vários outros casos chegaram ao conhecimento d'este jornal.

Nada diz até à data a entrevista acerca dos presos políticos, mas diz muito acerca dos *espíritos santos de orella* que não podiam ser outros senão os individuos que cercavam o sr. Tenente Valdez.

Por aqui se pode o illustre entrevistado capacitar de que força de convicção são alguns dos *grandes* republicanos da terra, esses tais que tanto segredam conspiradores ao ouvido da investigação, como segredam as futuras prisões ao ouvido dos indigitados quando lhe agradam.

São desta força os *grandes heróis*.

Tanto armam em esbirros e infames denunciadores como em boas pessoas e indulgentes avisa-dores.

Esperemos pelo resto.

Não nos antecipemos.

T. Aboim.

Azeitona d'Elvas a 120 e 200 réis chegou à CASA BARBOSA.

dulgamento

Os presos do Fafe

Na penúltima semana foram julgados no Tribunal Marcial de Braga, entre outros, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Florêncio Vieira de Castro, cavalheiro de grande nome naquella vila, e o nosso querido amigo sr. Fernando de Freitas Guimarães.

O acaso quis que um dia, encontrando-nos em Fafe, conversássemos com algumas pessoas de toda a respeitabilidade sobre a prisão do Ex.^{mo} Dr. Florêncio, sendo essas pessoas unânimes em garantir-nos que a sua prisão obedeceu aos manejos dos seus inimigos que o não podiam ver desde quando ele era um grande influente político no tempo da monarquia, e que nada tinha com a conspiração, assim como o nosso amigo Fernando.

A confirmação do que ouvimos acaba de a dar o tribunal marcial, absolvendo-os.

!Sempre as perseguições, os ódios e as vinganças!

!Quando acabará essa maldita praga?

Grandes corridas de bicicletas!

As Bicicletas Derby sempre vencedoras!

Nas corridas—*Guimarães—Fafe—Póvoa de Lanhoso—Taipas e Guimarães*, ganharam os 1.^o e 2.^o prémios!

Nas corridas de *Louzada—Penafiel—Paredes* ganharam os 7 primeiros premios.

Vendem-se em *Guimarães—Toural, 105—Loja do Benjamim*.

Espectáculo

Com uma casa cheia realizou a Companhia que trabalha no salão Gil Vicente, sob a direcção do simpático actor Corrêa Peixoto, no passado domingo, um attraente espectáculo com a aplaudida opereta em 4 actos *Mam'zele Nitouche* já conhecida do nosso publico que aprecia muitissimo a sua bella música.

Longe de querermos armar em criticos teatraes, traduziremos o desempenho dos vários papeis pelo agrado manifestado pelos numerosos espectadores que muito ovacionaram os interpretes no final de todos os actos, fazendo-lhes repetidas chamadas.

Especializaremos, todavia, Carlota Santos que se nos revelou uma artista de merecimento, com grandes conhecimentos da arte de representar e uma bonita voz acompanhada de muito gosto pela música, cantando com mimo os vários trechos que lhe couberam.

A companhia é digna, sob todos os pontos de vista, do favor do publico, não só porque lhe proporciona umas noites agradáveis e bem passadas, mas esmera-se por corresponder à concorrência sempre crescente dos espectadores, agregando a si elementos de valor que a habilitem a pôr em scena peças de efeito.

Vem a ponto frisar aqui a concorrência deslial e gananciosa que o empresário do cinematografo do teatro D. Afonso Henriques moveu à companhia no ultimo espectáculo mandando vir a fita da mesma peça que ela annunciou e parodiando a sua forma de reclame.

A principio a questão da fita pareceu-nos uma mera coincidência em que não fizemos o menor reparo; mas vendo que o reclame do cinema que não passava do velho cartaz de pano branco em forma de estrela e um rapaz rufando num

tambor e porque a companhia nos trouxe uma inovação no genero colocando os seus reclames em um carrinho com um rapaz a tocar busina, saíram os cartazes do cinema de *vitória* com um clarim, sendo mais tarde conduzidos a pé quando a companhia assim mandou sair os seus, notamos a concorrência que reprovamos em absoluto e que mereceu justa censura de toda a gente que a presenciou.

A companhia leva hoje à scena **A Morgadinha de Val-Flôr.**

Acaba de estabelecer-se nesta cidade um curso de francês, para ambos os sexos, dirigido pelo conhecido professor parisiense MR. BARTHÉ-LÉMY EUGÈNE.

Presos políticos

Porque a *Alvorada* diz que nós especulamos a calúnia e a insidia má contida na carta do preso João Pinto, publicada no nosso ultimo numero, e que fazia referências ao sr. José Duarte, de Aباção, aí vai outra carta a que limamos algumas arestas que muito deviam ferir o sr. Duarte.

Não sabemos se contem calúnia e insidia má ou se não, o que sabemos é que estavamos resolvidos a não a publicar, mas como a *Alvorada* gosta de meter sempre o seu *bedelho* de casa, veja lá esta se lhe agrada mais.

E se quizer mais ainda cá há. E' só pedir por boca ou por escrito.

Eis a carta:

Sr...

Estou preso, como todos os meus conterrâneos sabem, desde o dia 1 de agosto do corrente ano. Estive desde esse dia até 10 de outubro jазendo no antigo colégio das Doroteias em Guimarães, sendo removido para Braga entre uma força armada que a pé me fez percorrer a distância duma cidade à outra fazendo a minha entrega no convento de S. Barnabé, onde actualmente me encontro.

!E todas estas torturas devido a quem?

Ao cidadão José Duarte Guimarães, de S. Tomé de Aباção, que depois de ser progressista, regenerador, franquista, etc., com todos esses partidos monárquicos a valer, fazendo critica das tentativas dos republicanos, se transformou em um republicano da gema de outubro, dando denúncias falsas contra os seus conterrâneos, principalmente aqueles que os seus olhos não veem como objectos de intimidade.

Ultimamente saiu mal do seu serviço.

Sendo incansável em explorar a ignorância dos analfabetos, com as suas falas cínicas iludiu um tal Manuel de Oliveira, o *cepór*, António da Costa, o *cónos* e António de Oliveira, pedreiro, estes dois vogais da junta da sua freguezia de Santa Maria de Gémeos, para deporem aquilo que, por vingança mesquinha, nos seus desejos tinha, mas, como o Diabo tanto compõe como alaga, vai para a investigação o dito *cepór* e como não tivesse verdadeiramente fixado na memória o recado, porque só depunha mentiras, começa por dar detrás para diante e de diante para trás, a dizer uma coisa e a contradizer outra, até que depois de ser acariado com vários presos, dos quais dizia sem saber o que, fez convencer o sr. Tenente Valdez de que à sua frente estava um depoente falso, pelo que o prendeu nesse mesmo dia em cumprimento da circular do sr. Ministro da Guerra.

Deu entrada na prisão n.º 2 do

antigo colégio das Doroteias, começando por dizer que o culpado de tudo isto foi o sr. José Duarte Guimarães, com residência em S. Tomé de Aباção, que depois de dar a denúncia lhe pediu para ele ser testemunha e arranjar-lhe os dois acima mencionados expõdo-lhe o que eles haviam de dizer sobre a denúncia que tinha dado. Declarou mais diante de todos os presos que o denunciante José Duarte lhe assegurou tomar a responsabilidade do seu depoimento e que era de necessidade impôr-me da terra para que eu nunca mais cá voltasse por ser um homem perigoso.

Perigoso porque? Não será o dito sr. mais perigoso na terra do que eu?

Sou... etc...

Braga, 22 de Outubro de 1912.

(a) Francisco José Leite.

O BENJAMIM, ao Toural 105, é correspondente das 7 importantes fábricas de Bicicletas das seguintes marcas: *Derby, Spring, Peugeot, Raleigh, Tagus, Sirius e Kirm-Dura* que vende desde **22\$000, 35\$000, 40\$000 e 50\$000**, postas nesta cidade sem mais despesas.

Providências

Há dias apanhamos um susto de alto lá com ele e em tam boa hora que não apanhamos uma constipação de alto lá com ela.

Iamos a passar pela rua de Camões e... zás... pregam-nos com um *pião* de água que não lhes dizemos nada.

Por pouco (foi uma questão de leveza de pernas) que não ficamos transformados em um perfeito pinto.

Andavam a lavar a casa, bem o sabemos, mas não tinham a porta os paus anunciadores de—água vai.

A comissão da Câmara não tem culpa destas coisas porque o Guimarães é de pedra e por tanto não vê.

Mas quem tem culpa são os fiscaes, os zeladores e a policia, que saberão muito de vinhos sujeitos a imposto, mas não querem saber, mesmo nada, da água que cai sobre os espinhaços dos cidadãos que passam pelas ruas da cidade.

Sociedade Martins Sarmiento

E' convocada a assembleia geral desta Sociedade a reunir-se no dia 4 de Novembro próximo, pelas 6 horas da tarde, a fim de resolver a resposta a dar a um officio da Comissão Concelhia de Administração dos Bens pertencentes ao Estado, em que pergunta "se o edificio da Sociedade Martins Sarmiento se acha em condições de segurança tais, que possa, sem perigo, receber e conservar em exposição os objectos de valor histórico e artistico componentes do chamado Tesouro da Colegiada desta cidade," e resolver sobre a instalação de um Museu de Arte Sacra.

Não reunindo numero suficiente de sócios, efectuar-se ha no dia 12, immediato, à mesma hora.

Guimarães, 21 de Outubro de 1912.

O secretario,

José da Costa Santos Vaz Vieira.

AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam: The Tagus—Spring—Kirner Dura—Derby—Raleigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

Colégio

Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luis Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA VIMARANENSE



Officina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MÁQUINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FÁBRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANUAL: 2.000.000 DE MÁQUINAS

ESTABELECEMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MÁQUINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURACÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO. →

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Ano (sem estampilha) 1\$200 rs.
Semestre 600 „
Trimestre 400 „
Pelo correio acresce o porto.
Número avulso 30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetições, por linha 20 „
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesense

GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.º Sr.